

4CCHLADPPEX02**EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO – NOVOS ENCONTROS E BRINCADEIRAS NA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR**

Maíra Lima de Medeiros (1); Francecirly Alexandre dos Santos (2); Angela Maria Dias Fernandes (3)

Centro de Ciências Letras e Artes/Departamento de Psicologia/PROBEX

Resumo

Este texto pretende apresentar as atividades desenvolvidas com crianças da Escola Municipal David Trindade, em João Pessoa, através do projeto de extensão Experiências de Criação – novos encontros e brincadeiras na ocupação do espaço escolar. A principal atividade do projeto era realizada no horário do recreio das crianças, sob o formato de Oficinas de Brincadeiras e de Arte. Outras atividades implementadas permitiram a articulação ensino, pesquisa e extensão por meio da troca de experiências entre os discentes extensionistas, os estagiários de psicologia, que atuam nessa escola através de um projeto de estágio curricular, coordenado pela mesma professora orientadora e uma equipe do curso de educação física da UFPB, coordenada pelo Prof. Fernando Cunha. Essas três equipes promoveram, também, uma atividade conjunta na escola em alusão ao Dia das Crianças. Como uma das estratégias de avaliação do projeto foi realizada uma pesquisa junto às crianças participantes sendo focalizado a percepção das crianças sobre as oficinas.

Palavras-chave: Psicologia Educacional; experiências de criação; educação e cidadania

Introdução

O referido projeto foi desenvolvido pelo segundo ano consecutivo. As atividades foram idealizadas a partir de observações da dinâmica das relações que as crianças estabeleciam entre si, no horário destinado ao recreio, na escola onde o projeto se desenvolve. Essas observações, inicialmente feitas por estagiários de psicologia da UFPB, durante o ano de 2005, apontaram que nesse momento, em que não há atividades dirigidas, as relações entre as crianças se pautam na violência e competitividade. Tal agitação e violência iniciadas no intervalo se expandem para a sala de aula, o que gera queixas por parte do corpo docente, que culpabilizam as crianças pelo comportamento violento, lançando ainda sobre as mesmas um olhar que naturalizava a violência das crianças das classes populares.

Esse olhar da “criança culpada” aponta para a existência de um discurso preconceituoso que localiza nos modos de existência de crianças pobres o motivo do baixo rendimento escolar, conforme vem sendo demonstrado nas pesquisas de Patto (1984, 1999, 2000, 2005), Machado

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

(1994, 2004), Machado, Fernandes e Rocha (2007) e Maciel (2001). Através de estudos sobre o funcionamento da organização escolar e da análise das políticas públicas de educação estes pesquisadores concebem o cotidiano escolar como produtor do insucesso, naturalizando a violência como própria das classes populares.

É neste campo de investigações e práticas que se situa o projeto de extensão aqui focalizado que se constituiu como alternativa para a construção de uma escola que esteja pautada no sucesso e na produção de subjetividades, e que aponte para um mundo solidário e mais justo. Muitas escolas não reconhecem atividades lúdicas como parte do processo pedagógico, o que torna o jogo como secundário. O método convencional predominante na educação focaliza a sala de aula como único espaço favorável à aprendizagem. Até quando se espera que crianças repletas de curiosidades e agitações físicas permaneçam sentadas durante quase toda a manhã e em apenas 30 minutos estejam livres para fazer o que quiserem? Há a necessidade de ampliar a educação para além de uma prática formal e limitada nessas instituições de ensino.

O fato de as crianças serem consideradas livres para fazer o que quiserem durante o recreio, sem a presença de professores para acompanhar e orientar as atividades demonstra a pouca importância pedagógica dada ao lúdico pela instituição. Vale ressaltar a crítica de Rousseau (Loureiro, 2002) sobre a existência do método de educar crianças como se estivessem presas e com todos os seus passos controlados freqüentemente por adultos. Portanto, deve haver um equilíbrio entre a liberdade da criança e a instituição/meio de formação em que ela está inserida, e, assim, através dos jogos organizados há a possibilidade de se estabelecer padrões morais, princípios e normas sociais. Na sala de aula, a criança procura satisfazer o que não pode concretizar através de um mundo imaginário e o papel do professor consiste em ajudá-la a realizar o brincar de acordo com os seus desejos.

Dessa forma, o brincar possibilita desenvolver certas habilidades e comportamentos nos indivíduos ao lidar com diversas situações; ao ter contato com o vencer e o perder, por exemplo. O jogo estimula a imaginação, oportuniza o desenvolvimento da autonomia no indivíduo - ao optar por brincar ou não, além do que, o que é realizado nos jogos de faz-de-conta é considerado semelhante à situação real. O recreio é, assim, um espaço de freqüentes relações sociais e afetivas em que o indivíduo ativo desenvolve comportamentos e constrói sua identidade social de acordo com as relações estabelecidas com o grupo, como já considerava Vygotsky (1998) o sujeito se constitui nas relações com os outros.

Através da ludicidade a criança lida com diferentes situações que podem ser essenciais no sentido de interagir em sociedade quando na vida adulta. Com isto, Cordazzo e Vieira (2008) afirmam que a amizade quando estabelecida pode ser utilizada a posteriori, como suporte para o ajustamento escolar em habilidades comunicativas e sociais e nos trabalhos em sala de aula. Sendo assim, deve-se enfatizar a importância da função social e cultural que tem o lúdico no processo escolar.

Descrição (Atividades realizadas)

Formato do projeto - Este trabalho se desenvolveu através de Oficinas de Brincadeiras e de Oficinas de Artes na frequência de dois encontros semanais (terças e quartas-feiras). As atividades aconteciam no intervalo para recreio das crianças (9:30h. às 10:00h.) e em cada um desses dias ocorria uma das oficinas. A participação das crianças era espontânea e as oficinas aconteciam em locais bastante visíveis de modo a poder interferir, de fato, na dinâmica da escola.

Atividades desenvolvidas – Foram realizadas trinta e oito oficinas sendo vinte e três de brincadeiras e as demais de artes. As atividades desenvolvidas foram seguindo uma programação previamente definida. O quadro abaixo demonstra as atividades desenvolvidas de acordo com a modalidade da oficina.

Brincadeiras	Oficinas de Artes
Cacique	Porta-retrato
Barra-bandeira	Dobradura: barquinho
Mímicas	Telefone sem fio
Cabana, Pessoa e Tempestade	Efeito do sopro de tinta com canudo
Cabra-cega	Quadro Criativo
Pé de Limão	Baianinha
Bola ao túnel	Boneca
Sonoridade das vogais	Barquinho Colorido
Corre-cotia	Dobradura: Abre e Fecha
Mãe da Rua	Dobradura de Casinha
Caçada	Dobradura: Flor
Estátua	Apito de canudo
Passa a bola	Criação a partir de traços
Ciranda	Arte com canudos
Escravos de Jô Humano	Dobradura: avião
Gato pega o rato	
“Eu vou andar de trem”	
Jogo da memória	
“Êpo êtata êpo”	
Dança das cadeiras	
Cantiga: Pé de limão	
Toca-toca, Toca-Ajuda, Toca-Saia	

Totó Humano	
-------------	--

Constituição da equipe - No início, tentou-se realizar as oficinas de brincadeiras e de artes simultaneamente, conforme ocorreu no ano anterior (2006), quando, além dos quatro alunos extensionistas, o projeto contou com a colaboração de cinco estagiários de psicologia que atuavam na escola. Neste ano de 2007, a equipe foi inicialmente formada por três alunas extensionistas. No decorrer do período, no entanto, uma das alunas pediu desligamento, por motivos pessoais, ficando a equipe restrita a duas participantes.

Parcerias Institucionais - Importante ressaltar que esse projeto manteve uma articulação com o projeto de estágio curricular *Psicologia Educacional/Institucional na Escola Municipal David Trindade*, orientado pela mesma professora. A relação com professores de artes não foi possível, esse semestre, no entanto, houve uma fundamental parceria institucional com a equipe do PROLICEN, coordenada pelo Prof. Fernando Cunha, do Departamento de Educação Física. Foram realizadas quatro reuniões entre as equipes dos três projetos para debates sobre estratégias e resultados e organizada uma ação conjunta na Escola David Trindade, contando com a participação de oito estudantes de educação física, seis estagiários de psicologia e as duas extensionistas. Tal atividade foi realizada na Semana das Crianças sendo voltada para todos os quatrocentos alunos do turno da manhã da escola que participaram de várias brincadeiras espalhadas por toda a parte externa das salas.

Metodologia e estratégias de atuação

Programação das atividades - As Oficinas de Brincadeiras e Artes foram programadas a partir das propostas e avaliação das atividades desenvolvidas no ano anterior, de uma pesquisa em sítios da internet específicos, de publicações especializadas e de experiências aprendidas a partir de uma parceria estabelecida entre esse projeto e o projeto já citado desenvolvido por estudantes de educação física da UFPB. As brincadeiras e artes foram selecionadas de acordo com o tempo limite proposto pelo projeto (30 min.); a idade do público alvo (07 a 14 anos); a quantidade média de participantes (em torno de 60 alunos); o espaço disponível e a quantidade e qualidade dos materiais fornecidos pela Secretaria de Educação do Município.

Diário de Campo e orientação - Após cada atividade foi elaborado um relatório descritivo, onde o desenvolvimento das mesmas era apresentado e comentado. Tal relatório era debatido em reunião semanal com a orientadora, com duração de duas horas, objetivando a discussão e investigação teórica, além da avaliação das ações.

Local das atividades - As atividades eram realizadas em local aberto, não muito amplo, mas bem localizado no intuito de promover uma diferenciação com relação ao espaço fechado das

salas de aulas tradicionais. No entanto, a escola não disponibilizou, inicialmente, o espaço solicitado para as oficinas de arte. Em função disso, no início ocorreram apenas as oficinas de brincadeiras até que a escola indicasse a sala de vídeo, um espaço livre e com colchonetes disponíveis para as crianças sentarem o que foi considerado adequado já que as oficinas eram realizadas com os alunos dispostos em círculo e sentados no chão.

Divulgação na escola - Como estratégia para uma maior participação nas atividades as crianças eram convidadas a comparecerem às oficinas, através de uma divulgação feita em sala de aula, no horário anterior ao intervalo. Com o decorrer do tempo foi possível perceber que as mesmas já aguardavam as brincadeiras e oficinas nos dias e locais específicos.

Metodologia de Avaliação - Ao final do ano letivo foi feita uma pesquisa avaliativa com 15 das crianças que mais participaram das oficinas e atividades de brincadeiras. As entrevistas foram realizadas no pátio da escola, sendo as crianças contatadas de maneira informal. A partir da disponibilidade da criança os pais eram consultados e convidados a assinar o termo de consentimento. As entrevistas seguiram o seguinte roteiro: O que você achou do projeto?; Quais atividades você participou?; Como é o recreio quando não tem estas atividades?; Como era a relação com seus colegas quando tinha as artes/brincadeiras?; Tinha alguma diferença entre essas atividades de brincadeiras e artes e o espaço da sala de aula? As informações coletadas através dessa pesquisa foram analisadas com base na metodologia da análise de conteúdo, inspirada nas formulações de Bardin. Houve, ainda, uma reunião com a direção da escola onde o projeto foi analisado e avaliado em seus resultados.

Resultados

Conforme foi apontado anteriormente, este projeto teve como um dos objetivos interferir na produção de subjetividades na vivência escolar através da participação em atividades de brincadeiras e de artes que, realizadas durante o período do recreio, pudessem significar novas formas de estar na escola.

Nos dias de realização das oficinas foi possível verificar uma mudança na circulação das crianças durante o intervalo entre as aulas, diminuindo as ocorrências de situações de conflito (brigas e acidentes). O impacto do trabalho, no entanto, foi menor do que o percebido no ano anterior em função de somente ser possível a realização de uma modalidade de oficina em cada dia, em função do número reduzido de extensionistas se comparado à equipe do ano de 2006.

Não houve um trabalho conjunto com as professoras, dado que estas se mostraram contrárias a desenvolver qualquer atividade neste horário que é dedicado ao seu descanso. Podemos afirmar que esta recusa se dá, também, em função da falta de compromisso das professoras

com a vivência de seus alunos fora da sala de aula, embora algumas delas tenham se aproximado para parabenizar o trabalho ou tirar dúvidas relacionadas a formas de lidar com os alunos. Ao final do semestre, em reunião com a direção da escola e equipe de apoio, o projeto foi ressaltado como importante sendo reconhecidos efeitos das oficinas no horário do recreio.

Foi possível verificar a grande participação das crianças nas atividades, e destacar as oficinas de arte como as mais freqüentadas, onde as crianças demonstraram interesse, principalmente, em aprender novas dobraduras.

O trabalho proporcionou um ambiente diferenciado em que as crianças puderam inventar e fazer sugestões, serem ouvidas, terem respeito e serem respeitadas. As crianças conseguiram compreender a importância de trabalhar em equipe, compartilhar os materiais, ajudar o outro e respeitar as regras para um bom desenvolvimento das atividades. Foi possível propiciar às crianças novas formas de ser e de perceber a educação, além de favorecer possibilidades outras de ocupação do espaço escolar.

A decisão de realizar uma pesquisa com as crianças foi mais uma oportunidade de dar voz a estes atores sociais podendo, de fato, avaliar os impactos do projeto a partir de seus próprios relatos e impressões. As entrevistas foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (1995), cujas técnicas permitem inferir conhecimentos que são pouco ou quase nada aparentes numa leitura inicial. As categorias encontradas na exploração do material foram (1) Impressões sobre o projeto; (2) Comparação entre o recreio com ou sem projeto; (3) Relação com os colegas, e; (4) Diferenças e semelhanças sobre as atividades do projeto e das aulas formais.

As crianças entrevistadas apontaram que as atividades de arte eram mais procuradas por ser aquelas que traziam maiores novidades. Várias das entrevistadas souberam reconhecer mudanças em seu próprio desenvolvimento e dos colegas ao afirmarem que começavam a fazer coisas que nunca haviam experimentado. Ao compararem as atividades do projeto com as atividades do cotidiano as crianças ressaltaram diferenças nas relações entre os alunos, que seriam mais cordiais. Somente uma aluna sinalizou que as relações durante as oficinas eram igualmente violentas. Em seu discurso as crianças deixaram claro que reconhecem o clima violento da escola. Ressaltaram que a atividade com artes era diferente da escola, também, porque não precisava de carteira e cadeira já que trabalhavam no chão.

Como as crianças se inseriam nas oficinas de acordo com sua motivação, o número médio de 50 participantes a cada atividade foi revelador da necessidade desses alunos de experimentar novas formas de ocupação na escola e da pertinência do projeto desenvolvido no horário do intervalo entre as aulas formais.

Vale salientar que as crianças eram estimuladas a apreciar a brincadeira e não eram oferecidas recompensas nos casos de jogos em que havia vencedores e perdedores. O jogo era experimentado como prazeroso em si, independente de seu resultado.

No que concerne às dificuldades e problemas enfrentados pelo projeto destacam-se a limitação no material para a realização de outros tipos de arte, o pequeno número de facilitadoras

durante ambas as atividades, o espaço pequeno para realização das oficinas de artes. O espaço das brincadeiras também não era tão amplo, mas ficava em um local estratégico (onde todas as crianças passavam), muitas vezes tinham cadeiras no meio desse espaço ou mesmo pedaços de madeiras com pregos encostados no muro.

Contudo, pode-se afirmar que esse projeto de extensão cumpriu com os seus objetivos ao aprimorar e inovar o trabalho educativo oferecido pela escola participante. Através deste foi também possível uma formação das estudantes de psicologia (extensionistas), no sentido de uma atuação direta na escola, ao ampliar o arcabouço teórico e prático, de modo a favorecer a construção de práticas educativas diferentes daquelas realizadas em sala de aula.

Conclusões

Ao utilizar a metodologia artística como grande intermediadora entre escola e sociedade pôde-se perceber um grande avanço na relação *aprendizagem X cotidiano* da criança. As crianças compreenderam a importância de trabalhar em grupo, em um ambiente de integração, companheirismo e solidariedade.

É válido destacar o valor deste trabalho na formação das estudantes de psicologia (extensionistas) que tiveram a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos nos encontros de discussão. Assim, ao ter contato com a realidade da instituição pública de ensino fundamental foi possível traçar parâmetros e constatar a complexidade na aplicação prática do conhecimento acadêmico, tendo em vista a defasagem existente na formação básica do profissional de psicologia.

Desenvolver práticas interdisciplinares com outros campos, como a Educação Física e a Pedagogia, foi um fator que, através da troca de experiências e saberes, contribuiu bastante nas atividades realizadas na escola no decorrer do projeto.

Para se trabalhar com mais intensidade as questões referentes à violência na escola é necessário haver uma ênfase no diálogo entre família-escola-criança a fim de que estes segmentos possam se compreender e serem compreendidos no âmbito da convivência social.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Lourance. (1995) *Análise de conteúdo*. Tradução de L. A. Antero e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70.

MACHADO, Adriana Marcondes. (1994) *Crianças de classe especial*. – efeitos do encontro entre saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, Adriana Marcondes e PROENÇA, Marilene (Org.) (2004) *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, Adriana, FERNANDES, Angela e ROCHA, Marisa (orgs) (2007) *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação*. São Paulo - Casa do Psicólogo.

MACIEL, Ira Maia. (2001) *Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação*. Ed. Ciência Moderna.

PATTO, Maria Helena Sousa. (1984) *Psicologia e Ideologia – uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.

PATTO, Maria Helena Sousa. (1990) *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz.

PATTO, Maria Helena Souza. (2000) *Mutações do cativoiro – escritos de psicologia e política*. São Paulo: EDUSP/Hacker Editores.

PATTO, Maria Helena Sousa (2005) *Exercícios de indignação – escritos de educação e psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.